

A Lição do Lusitânia

*Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Itálos e Ingleses,
Possam dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.*

CAMÕES.

Poisou alfim nas águas hospitaleiras do continente brasileiro, depois de porfiada luta com os elementos adversos, a águia altiva que da praia lusitana se lançára, por inexplorados ceus, em demanda do caminho celeste entre as duas pátrias irmãs.

Está consumado o grandioso e inesquecível feito.

Enquanto outros de mais incandescente ânimo, fértil inventiva e despreocupado espírito se dão à fácil e cômoda tarefa de atirar para o ar as girândolas luminosas e multicolores dos seus foguetões ou da sua retórica, mais ou menos poética, vamos nós, serena e friamente, analisar as fundas realidades, os reveladores sucessos, dêste acontecimento eloquentíssimo, que só por si diz mais que um capítulo de história, e extrair-lhe a grande lição que em suas dobras contém.

Do que Êles fizeram e nós fizemos, do que disseram e por cá se disse, há grandes ensinamentos a tirar.

Da sua obra, que só longos anos de autopreparação e autodomínio poderiam possibilitar, pode-se compilar matéria para um tratado inteiro de pedagogia viva, que é a nossa maior necessidade nesta encruzilhada da vida em que nos achamos.

A lição moral é daquelas que não encontra paralelo na vida das figuras mais representativas da nossa Pátria, nos últimos séculos.

O desalento, a renúncia à luta, a carência de virilidade e ousadia mancham o carácter de mais de um dos nossos homens ilustres.

É necessário recuar nos tempos e ir até ao limite da nossa meia idade, para que os nomes de Nuno Alvares, do Infante D. Pedro e do Infante D. Henrique nos relembrem as qualidades que nestes homens encontramos reunidas.

Um dia um sonho imenso e tentador despontou na alma dos nossos dois heróis.

A Pátria, erma de ideal e de fé, num marasmo, em que os maus agoureiros queriam ver o prenúncio de morte certa e próxima, apenas se agitava doidamente para despredicar a sua preciosa energia, nas lutas estereis e dissolventes dos corrilhos políticos.

O crédito moral e financeiro da Nação diminuíam dentro e fora do país.

A mocidade numa inconsciência (dolorosa de observar) malbaratava a inteligência e o trabalho em infecundas atitudes literárias — supondo erradamente que a Vida é só Literatura — ou, mais erradamente ainda, desvirilizada e inerte tomava ridículas poses de figurino.

A moralidade abaixo do zero da escala moral, a consciência e razão apagadas, sem compreenderem o fim certo

e desgraçado a que nos conduziria tão incomensurável e cego egoísmo.

Aqui e além, nas artes ou nas industrias, na vida privada ou na oficial, um ou outro idealista, trabalhando, trabalhando obstinadamente para a Grei, olhos fechados a todas as más sugestões e todos os negros presságios, tentando salvar, senão já o país — porque os esforços isolados pouco constroem — pelo menos a sua consciência e a sua alma.

Foi nesta ocasião que a êste infelicitado país um insinificante grupo de descategorizados sectários brasileiros se lembrou, sem generosidade nem verdade, supondo mortas as nobres virtudes desta raça, de afrontar indecorosamente.

Foi de uma tal Pátria que estes dois homens partiram.

O que se passou na sua alma a todos os justos é fácil concluir; o que eles quiseram dizer-nos, na mudez de todo o operoso, é simples adivinhar.

Aos desta praia do Atlântico quiseram proclamar que para erguer bem alto o nome de Portugal nenhum sacrifício é demasia — nem mesmo o da própria vida; que é no recolhimento dos gabinetes, dos laboratórios, dos campos e das oficinas que, sem vaidades e espalhafatos, devemos trabalhar, porfiosamente, para deixarmos de ser parasitas dos trabalhadores nossos irmãos de outras nações e fazermos desta terra uma nação moderna pelo espírito e pelas artes.

E ao pequeno número de almas que da outra banda haverá ainda a conquistar para a amizade à mãe Lusitânia, foram dizer — com toda a autoridade da sua palavra honrada — que as chocarrices e necedades de panfletários ver-rinosos não são a voz de Portugal, e que sob os galimatias dos palreiros inúteis e o desvairamento dos truculentos e impunes energúmenos há muita gente estruturalmente singela, proba e trabalhadora.

Esta é, por certo, a par da sua empresa científica, a obra moral que êstes dois grandes homens se propuseram conscientemente realizar.

Mas a muitos causará surpresa o aparecimento radiante na vida nacional dêstes dois homens quase obscuros — para a maioria — que subitamente nos revelam um ramalhete.

Em que água lustral, em que crisol mágico, nesta pátria dô desdem, temperaram a alma para tão grandes coisas?

É bem que os que há muito lhes reconheciam altas qualidades e lhes admiravam o carácter os expliquem a êste país, onde os melhores valores são quase sempre ignorados, nesta algazarra de feira com que os atabales e trombetas dos tufes das letras e das artes timpanizam os ouvidos da multidão.

(Por entre a grita dos arlequins passou e morreu desconhecido do grande público o insigne astrónomo Campos Rodrigues, glória de Portugal e da ciência).

O almirante Coutinho é um experimentado mariuheiro.

Foi na imensidade da «líquida estrada» de nossos maiores que começou a adestrar os sentidos para a determinação exacta do ponto.

Entre as suas rotas pelo oceano, conta-se a célebre viagem à Índia, no *Pero de Alemquer*, com o grande comandante Macieira, o último dos navegadores portugueses que manteve em nossos dias a tradição e o espírito da grande época.

Para em tudo se parecer com as trabalhosas viagens de Quinhentos até houve escorbuto a bordo.

O comandante Macieira, hoje infelizmente ausente da vida naval, era um mestre incomparável.

Alma de sonhador lusíada, heróico, honrado e sabedor de marinharia antiga, sabia encaminhar o coração dos seus oficiais para o amor e dedicação ao serviço.

Mais tarde Gago Coutinho, nos invios sertões africanos andou, sob o céu esbrasiado, e por vezes trememente de febre, conquistando, palmo a palmo, com a exactidão dos seus cálculos, para a pátria distante e tantas vezes ingrata, a terra fértil e rica das suas maiores colónias.

Foi aí que Sacadura Cabral se lhe ligou por aquela sólida amizade que traz sempre a mútua admiração de duas inteligências que se compreendem.

Alma heroica e ousada, foi, depois, dos primeiros a ingressar na aviação.

Vimo-lo de perto nos seus começos, ao voltar de França.

Na nossa primeira Escola ele era, entre o estouvamento dos novos, o espírito incompreendido da ordem, do método, da serenidade, sem deixar de ser espelho de valentia e atrevimento.

Um pequeno facto ilustrará a sua ponderação.

Uma manhã estivemos com ele na carlinga de um pequeno Coudron, apetrechados para voar. No último momento da largada, quasi a descolar, um pequeno botão de contacto — que já não seria preciso até pousar — quebrou-se, pois prudentemente, que os acontecimentos do ar nunca são previsíveis, Sacadura adiou o voo.

Homem de carácter recto, espírito organizador e de rigorosa poupança, pode ser exemplo a muito português que anda comprometendo a grei com luxos e esbanjamentos.

Tais são os homens que se propuseram dar a este país, no meio desta «apagada e vil tristeza», a lição do estudo, do trabalho e do sacrifício.

Às suas excepcionais qualidades de observadores destros e serenos se deve maximamente o sucesso da proeza.

Nascidos e criados para estas artes, fizeram-se na escola do trabalho e assim puderam reunir uma soma de experiências e conhecimentos invulgares.

Não improvisaram (é necessário destruir a tendência nacional a supor que o talento sem trabalho e experiência bastará para nos salvar das dificuldades presentes), colheram os frutos de um labor continuado e pertinente.

São daqueles raros, de que fala o épico, que é justo levantar; porque conhecem «o como, o quando, e onde as cousas cabem».

Cavaleiros «sem medo e sem reproche», mais ambiciosos de bem fazer que de mercês, levantaram a alma aos céus e determinaram dar a esta «gente surda e endurecida» um exemplo memorável de patriotismo.

¿Ouvirá a Pátria a sua voz e compreenderá o acento grave com que se dirige à nossa alma?

Lamentável é dizê-lo: todas as mostras são de que o

seu exemplo nobilíssimo terá fracos seguidores, e continua remos, como já dissemos, «a sugar o máximo cedendo e trabalhando o mínimo para a grei».

De feito, além da emoção e espanto instintivo da nação que vimos revelador de grandes mudanças nesta terra, em que o problema maior se reduz a produzir com inteligência, poupando com escrúpulo?

Vimos determinarem-se festas prematuras e conceder honrarias, como se esse fôsse o fim dos dois herois.

Vimos no esplendor das locuções faladas e escritas, explorar-se mais uma vez a grandeza de nossos imortais avoengos e os feitos que tão poucos estão resolvidos a imitar.

Vimos a burocracia, o operariado, os escolares abandonarem as suas ocupações ao pretexto dos primeiros foguetes.

E não sabemos de alguém que tenha pedido ou prometido mais trabalho ou alguma economia.

Um professor liceal, surpreendido em plena aula pelos morteiros anunciadores da chegada a Pernambuco, responde satisfeito a um aluno que o interroga: «O que é? Isto é um feriado, meu menino».

E no cortejo de regosijo um petizote das primeiras classes lança com os vivas esbraseantes: Oh! sr. doutor, é uma barbaridade a gente ter aula amanhã!

Eis os primeiros sintomas de compreensão que o país nos apresenta.

Não queremos, porém, acreditar que tal possa ser o único efeito dum apêlo tão vigoroso e autorizado às energias e virtudes desta raça.

Mocidade portuguesa! clamam eles, da vossa vontade depende a salvação e honra do lar de nossos avós: só pelo estudo e pelo trabalho esclarecido e pertinaz essa salvação é possível, porque só assim é possível resolver, com proveito, os inúmeros e complexos problemas da nossa grei.

A sua voz, agora distante, brada-nos, que eu bem a ouço, estudai como nós estudámos, trabalhai como nós trabalhamos, sacrificai-vos pela Pátria, pelo bem comum, pela felicidade de todos, como nós fizemos; nas indústrias, na agricultura, nas sciências, nas artes há mundos e mundos a descobrir; a vida é séria, muito séria, e exige o vosso esforço; e só assim Portugal poderá ainda ser grande e respeitado, e a paz e abastança voltar a esta terra revolta.

A Pátria, e a sua maior esperança, que é a juventude, não podem deixar de ouvir e acatar esta voz austera e justa.

SEBASTIÃO DA COSTA.

AUGUSTO CASIMIRO

NAULILA

Primeiro volume da série *Portugal na Guerra do Mundo*. Os precedentes de Naulila nas Chancelarias. O incidente de 19 de Outubro de 1914. As tropas em operações. O combate. Livro de revelações em que se fixa uma versão definitiva do primeiro recontro entre portugueses e alemães na grande guerra.

RECEBEM-SE DESDE JÁ PEDIDOS NA SEARA NOVA
